

Uma Confusão de Conceitos: Região e Regional

CHARLES A. FISHER *

Regional Concept: the Anglo-American leaders. Robert E. Dickinson. Londres: Routledge e Kegan Paul, 1976. xxi, 408 p. Portraits, bibliogr., Ind. 21.5 cm £ 8.95.

Ao contrário da maior parte das outras disciplinas acadêmicas, a geografia se preocupa muito menos com fenômenos obscuros e conceitos esotéricos do que com realidades terra-a-terra vivenciadas pela maioria dos seres humanos comuns ao lutarem pela vida, direta ou indiretamente, através da exploração de seu meio ambiente geográfico. Portanto, muitos dos termos mais comumente empregados por geógrafos são também usados no dia a dia — embora com um limite mais amplo de significados — pelo público instruído em geral. Isto dá origem, inevitavelmente, a uma considerável confusão, tanto dentro como fora da profissão geográfica, e, infelizmente, maior confusão ainda ocorre com os vocábulos cruciais “região” e “regional” que muito geógrafos têm usado para definir o que eles consideram como o conceito central de sua matéria.

Por esta razão, espera-se, há muito tempo, que seja feita uma séria tentativa no sentido de esclarecer os diversos conceitos aos quais os geógrafos aplicaram o termo regional. O mais lamentável é que, longe de empreender esta tarefa, o novo livro do professor Dickinson parece evitá-la deliberadamente, embora inclua algumas citações de um tra-

* O autor do comentário é professor de Geografia e chefe do Departamento da Faculdade e Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres. Transcrito de *The Geographical Journal*, vol. 143, parte 1, março de 1977, com autorização da Royal Geographical Society.

balho proveitoso "Classifications of regions of the world" publicado em 1937 em *Geography*, 22: 253-82. Entretanto, mais da metade do livro consiste de biografias condensadas (principalmente obituários) de geógrafos americanos e ingleses — provavelmente os líderes anglo-americanos, embora, em sua maioria, não sejam originalmente conhecidos por sua contribuição ou interesse pelo conceito regional — enquanto quase todo o restante diz respeito a tendências metodológicas, passadas e presentes, mas, também, em sua grande parte, apenas superficialmente preocupadas com a geografia regional.

Na verdade, a única tentativa específica do professor Dickinson de explicar o que ele entende por conceito regional consiste em uma só frase do prefácio (p.xxi): "Modalidades de agrupar fenômenos por áreas, na superfície terrestre, em termos de localização, e explicação quanto à origem, composição e extensão". Contudo, termos amplamente usados tais como "região natural" (Hebertson), "região humana" (Fleure) e "região geográfica natural" (Stevens), assim como termos, de certa forma mais explícitos, como "regiões físicas, estruturais, climáticas, econômicas e urbanas" têm significados diferentes, mas nenhum deles significa o que eu presumo que o professor Dickinson tinha em mente quando usou o termo "conceito regional". Em minha opinião, trata-se do estudo de áreas separadas, com uma extensão que permite que elas sejam compreendidas como totalidades, dentro das quais pode ser apreciada a interação local dos vários elementos da geografia sistemática, tanto física como humana. Nesse caso, o arquétipo é o tipo de área — ou, simplesmente, de lugar — que os franceses chamam de *pays*, uma entidade reconhecida pelos cidadãos franceses comuns e pelos geógrafos como possuidora de seu próprio caráter individual ou "personalidade", como por exemplo, Bretanha ou Picardia.

O estudo de tal área, baseado em trabalho de campo minucioso e pesquisa bibliográfica relacionada, é, sem dúvida, uma tarefa árdua que dura, às vezes, vários anos. Como tal, proporciona um dos aprendizados mais eficazes em pesquisa geográfica. Além disso, a prática desse estudo por pessoas de habilidade artística e literária, proporciona a possibilidade de produção de várias monografias que bem merecem ser chamadas de obras-primas estéticas em miniatura.

Entretanto, a aplicação do método regional que suscita maiores cuidados ocorre no estudo de áreas substancialmente maiores que as acima referidas, como, por exemplo, a América do Norte, a Europa Central, ou a Ásia das monções, fornecendo cada uma delas o tema de um ou mais volumes da magnífica série *Géographie Universelle*, criada e publicada por Paul Vidal de la Blache e Lucien Gallois no período entre-guerras. Mas é óbvio que a abordagem de áreas de tal extensão e complexidade envolve o que os franceses chamam de "trabalho de fôlego" que pode ocupar a maior parte da vida ativa de um estudioso. E não é só isso, pois ao estudar essas grandes áreas que se estendem além dos limites de um único país, o geógrafo precisa considerar realidades políticas, ficando, assim, envolvido em outros tipos de controvérsia.

Em nenhum outro lugar esse problema é tão bem ilustrado como no centro da Europa, região que a obra *Europe Centrale* de De Martonne, talvez a melhor obra de toda a série, trata basicamente como uma zona de transição entre a Europa oriental e a ocidental e também entre a setentrional e a meridional. Por outro lado, vários estudiosos alemães viam uma justificativa geográfica, ou geopolítica, para considerar a *Mittleuropa*, lar mal delimitado de todos os povos de língua alemã, o mais numeroso grupo lingüístico a oeste da Rússia, como centro

cultural e, potencialmente, o grande poder predominante de todo o continente.

Considerações como essas conduzem, inevitavelmente, à seguinte questão: o conceito regional, como o professor Dickinson parece às vezes insinuar, é a totalidade e a finalidade única da geografia? Embora eu concorde com Vidal de la Blache e Carl Sauer sobre o fato de ser a geografia a ciência, ou o estudo, de lugares, não acho que ela deva parar aí. Não importa quantas apreciações regionais possam ser feitas pelos geógrafos, nosso propósito não é simplesmente considerar cada uma delas um fim em si mesmas, como um quadro a ser pendurado numa parede para contemplação estética, mas sim usá-las como uma série de estudos de casos individuais que, tratados comparativamente, possam contribuir para nossa compreensão sobre o antigo e contínuo processo de interação do homem com seu meio ambiente terrestre, regionalmente diverso.

Penso ser esta a idéia essencial que o jovem Halford Mackinder tinha em mente quando, na década de 1880, começou a fazer conferências sobre a “nova geografia” que, segundo ele, consistia na apreciação especializada da imensa diversidade regional do mundo, revelada por 4 séculos de atividade básica, de descoberta de fatos, na exploração terrestre da “antiga geografia”, iniciada por pioneiros tais como: Cristóvão Colombo e Vasco da Gama. Essa época, como Mackinder observou muito bem, estava chegando ao fim. Com a moderna redução tecnológica da distância, o mundo estava em vias de tornar-se um sistema fechado, dentro do qual, como ele observou nos meados da 1.^a Guerra Mundial, “o fato distante pode ser tão importante como o fato próximo, estudado em sua geografia nacional, seja no comércio, guerra, ou política” (Mackinder, 1916, p. 277).

Assim, embora a “nova geografia” visasse estudar as realidades do lugar, Mackinder considerava esse estudo, antes de mais nada, como o meio para se chegar a um fim mais significativo que, como Presidente da Associação Geográfica, ele expressou aos membros, da seguinte forma: “Vossa função como geógrafos é trazer para os temas sociais humanos os resultados ordenados da investigação científica, à medida que forem necessários à compreensão do controle, dentro do qual a vontade e a imaginação humana funcionam”. (Mackinder, 1916, p. 227). Ou, em outras palavras, estudamos geografia para que possamos apreciar melhor e com maior compreensão o vasto e variado campo de potencialidades, obstáculos, desafios e coações naturais, com os quais os cidadãos, em diversos lugares e épocas, são obrigados a lutar. Nesse contexto e nessa conjuntura histórica específica, denominada pelo bispo Hugh Montefiore de *O período climatérico do homem* (Montefiore, 1871), acho praticamente incompreensível e, certamente imperdoável, que tantas pesquisas geográficas sejam dedicadas a essas partes do mundo que se têm revelado como as mais favoráveis ao desenvolvimento humano, enquanto tão pouca atenção é dispensada às áreas em que a maioria de nossos cidadãos luta pela sobrevivência em níveis mínimos de subsistência.

Opiniões como essas devem ser anátemas para o professor Dickinson, cujo entusiasmo pelo conceito regional “per si” se justapõe repetidamente à sua condenação às heresias do ambientalismo e ao estudo do processo. Enquanto isso, surge uma “nova” geografia “nova” (ou nova²), que não conhece Mackinder ou seus contemporâneos franceses e alemães, e que, embora proclame agressiva e repetidamente sua preocupação com o “rigor” e a “relevância”, parece ter adotado uma variedade bem irrelevante de rigor no estudo de modelos teóricos e lugares não

existentes. Mas, como já afirmei e continuarei a proclamar, “a Geografia não é o estudo do espaço abstrato, mas sim o estudo dos lugares reais, terrestres, habitados e vivos” (Fisher, 1973, p. 228).

Além disso, ao estudarmos tais lugares, como devemos, vivendo e trabalhando ao lado de seus habitantes, nos campos e povoados, em geral meio ambientes desfavoráveis e assolados por doenças, quase não temos tempo para fazer propaganda de nossa devoção ao rigor e à relevância, pois física e intelectualmente estamos totalmente empenhados em praticá-los.

OBRAS DE REFERÊNCIA

FISHER C. A. 1973. The contribution of geography to foreign area studies: the case of Southeast Asia. In Mikesell, M. W. (ed.) Geographers abroad. Res. Pap. Dep. Geogr. Univ. Chicago No. 152:185-228.

MACKINDER, H. J. 1916. Presidential address to the Geographical Association, 1916. Geogr Teach. 8:271-7.

MONTEFIORE, H. 1971. Man's hope of survival. The Observer: 19 December 1971.